

As “formigas de fogo”: memórias da Coluna Prestes em Nova Iorque – MA

Helen Lopes de Sousa¹

Resumo

Ao realizarmos a pesquisa sobre as memórias dos velhos moradores de Nova Iorque no Maranhão, podemos constatar a multiplicidade dos eventos que permeiam a história da cidade. No caso da memória local, através das múltiplas interpretações produzidas pelos moradores, emergem a passagem da Coluna Prestes na década de vinte. Na trama dos acontecimentos as lembranças revelam-se prenhes de significados simbólicos de tal forma que nos permite interpretar as mais diversas narrativas orais e visões de mundo expostas pelos moradores. Por intermédio dessas histórias narradas por quem vivenciou diretamente ou indiretamente estes momentos, podemos refazer os passos dos acontecimentos, ao mesmo tempo em que nos permite engendrar a operação de outra interpretação, ou seja, outra escrita da história.

PALAVRAS-CHAVE: memória; cidade; Coluna Prestes.

Abstract

The “fire ants”: memories of the Prestes Column in New York - MA

When we conduct a research on memories of old residents of New York in Maranhao, we can see the multiplicity of events that permeate the city's history. In the case of local memory, through the multiple interpretations produced by the residents emerge to cross the Prestes Column in the twenties. In the plot of the events memories turn out to be pregnant with symbolic meaning in such a way that allows us to interpret the diverse oral narratives and world views set out by residents. Through these stories told by those who directly or indirectly experienced these moments, we can retrace the steps of the events, while allowing us to engineer the operation of another interpretation, or other writing of history.

KEYWORDS: memory; city; Prestes Column.

Da cidade de Nova Iorque, poderíamos falar sobre os mais variados aspectos: de suas praças, ruas, casas, prédios públicos..., mas também de suas tradições, mitos, crenças, festas, lendas, comemorações, ilusões e desilusões... Poder-se-ia, ainda, dizer dos impactos causados na vida dos moradores pelos episódios de destruição e reconstrução da cidade em decorrência das inundações provocadas pelo Rio Parnaíba, e que se constituem como fatos marcantes e dolorosos vívidos nas memórias dos habitantes. Entrementes, nenhum desses aspectos tornar-se-ia relevante caso não sejam percebidos como acontecimentos que se inter-relacionam e constituem as teias de significados econômicos, políticos, sociais e culturais como um todo simbólico que se deixa capturar por meio das mais diversas maneiras e práticas sociais de fabricação do espaço citadino, cotidianamente elaborado e inventado por seus moradores. Como diz Michel de Certeau, a cidade, “à maneira de um nome próprio, oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra”.²

Seja como for, ressalta-se que, no conjunto das representações contidas e produzidas pelas memórias dos moradores de Nova Iorque, emergem as histórias da cidade velha e trazem à tona imagens que expressam as experiências que ressoam no presente e que se inscrevem nos quadros do passado, contornados pelas tintas das lembranças dos primeiros tempos. Diante da escassez de documentos ou mesmo a inexistência de registros escritos que abarcam esse período da nossa investigação, adotamos uma perspectiva de análise em que se procura apreender os signos emitidos através dos fragmentos de lembranças dos nossos interlocutores. Por intermédio dessas narrativas, pode-se desvendar um universo de temporalidades múltiplas, mescladas por cenas do passado e do presente e que permeiam a história da cidade. A trama dos acontecimentos e suas lembranças revelam-se prenhes de significados simbólicos

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: hlcrioulo@gmail.com.

² CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. 1, artes de fazer*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007. p. 173.

de tal forma que nos permite interpretar as mais diversas perspectivas e visões de mundo exposta pelos narradores. Em outras palavras, valendo-nos dessa estratégia de análise, objetivamos imprimir uma leitura das particularidades dos pontos de vista de cada habitante, da maneira como esses constroem e transformam os acontecimentos que marcaram suas vidas e a dos seus antepassados. À medida que vamos interpretando os quadros das lembranças, vem à tona a seletividade dos eventos que são elencados para representarem a formação de uma memória em que estão expostas as narrativas históricas desse universo local, em um esforço voltado para simbolizar os traços iniciais da cidade e que são transmitidos de uma geração à outra.

Sendo assim, no conjunto das experiências vivenciadas e lembradas pelos moradores da velha Nova Iorque, na década de vinte, ganham relevo nessa tessitura a passagem da Coluna Prestes pela cidade. Na memória dos moradores, as lembranças desse fato histórico estão associadas com a grande cheia de 1926, pois foi logo após a passagem dos “revolucionários” pela cidade que esta aconteceu: “a enchente foi logo depois da passagem dos *revoltosos*”.³ O uso genérico da expressão “revoltosos” é uma categoria utilizada pelos moradores para designar e identificar os integrantes da Coluna. O termo tratou-se de uma categoria forjada pelo governo, cujo objetivo era de criar no imaginário social do país uma imagem negativa no intuito de enfraquecer o movimento contestatório perante a opinião pública em prol da hegemonia do poder governista. De acordo com as assertivas de Bourdieu, a construção de uma categoria consiste de uma tentativa de se constituir o “real”, já que as categorias representam o “princípio coletivo de construção da realidade coletiva”. Ou seja, para o autor, os elementos socialmente construídos são constitutivos dos nossos hábitos, cuja estrutura mental é inculcada por meio dos mecanismos de socialização, fundamentada em uma visão de mundo social que evoca uma determinada realidade, pois “quando se trata de mundo social, as palavras criam coisas, já que criam o consenso sobre a existência e o sentido das coisas, o senso comum, a *doxa* aceita por todos como dadas”.⁴ Assim, a representação simbólica, daqueles que ouviram ou participaram diretamente desse acontecimento, compõe inúmeras imagens dos revoltosos em Nova Iorque e assume as mais diversas nuances. Para uns as imagens desse movimento são marcadas pelo medo, pela insegurança, pela destruição, pelo terror que carrega a insígnia da morte; já para outros a grande marcha despertava na imaginação as representações do heroísmo, da justiça, da bondade, dos “cavaleiros da esperança”.

Nesse sentido, o que nos interessa não é a veracidade dos fatos, muito menos estabelecer um questionamento crítico das representações e da realidade pautada na lógica binômica de verdade/mentira, mas sim apreender os significados daquilo que é fabricado por essa prática discursiva que funda e faz perceber outra possibilidade de dizer estes acontecimentos. Noutras palavras, é por intermédio da valorização dessas histórias narradas por quem vivenciou diretamente ou indiretamente esses momentos, que podemos elaborar uma construção dos passos dos acontecimentos, ao mesmo tempo em que nos permite engendrar a operação de outra interpretação, ou seja, outra escrita da história dos movimentos de ocupação das cidades pelos chamados “revoltosos”, que rompe com os pontos de vista de uma historiografia oficial e oficiosa, na medida em que coloca em evidência o trabalho desempenhado pelas memórias de tantos anônimos, e que se contrapõe à memória oficial e dominante, no caso a memória nacional. Como diz Michel Pollak:

A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais.⁵

³ Seu Pedro, 86 anos. Entrevista concedida em Nova Iorque, em 20/02/2005.

⁴ BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papyrus, 1996. p. 127.

⁵ POLLAK Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. Rio de Janeiro, Estudos Históricos, vol. 2, nº 3, 1989. p. 3.

De acordo com Lourenço Moreira Lima, capitão e secretário da Coluna, os longos caminhos percorridos pelas “forças revolucionárias”, no estado do Maranhão, foram marcados por comovedoras cenas de receptividade, cujas populações das fazendas, das pequenas localidades que se encontravam na rota por onde passou a grande marcha, entusiasticamente aplaudiam o “desfile da coluna” e desferiam “palavras de encorajamento” ao movimento. Ainda segundo a descrição do Capitão-secretário, nas cidades e vilas por onde passaram as tropas dos “revoltosos”, os chamados “cavaleiros da esperanças” foram recebidos mediante um sentimento de amizade:

O povo maranhense nos recebeu com as maiores e as mais sinceras manifestações de simpatia. As cidades e as vilas acolheram-nos como amigos, confiando na correção das nossas tropas e reforçando-as com a incorporação de inúmeros voluntários. À nossa passagem pelas fazendas e moradas de pequenos proprietários, as famílias acorriam às estradas para ver desfilar a coluna, dirigindo-nos aplausos e palavras de encorajamento, numa alacridade tranqüila, apenas interrompida pelas comovedoras cenas de carinho com que cercavam as padio-las, obrigando-as a parar para levarem um pouco de leite ou de café aos feridos e doentes, cheias de bondade e de afeto por aqueles desconhecidos vindos das terras mais longínquas, arrastados por um grande sonho de liberdade e cujas feridas atestavam a bravura das suas almas e os martírios por que haviam passados.⁶

De acordo com o autor, mais do que as calorosas receptividades provindas, sobretudo das camadas mais pobres, o movimento também contou com o apoio de dois chefes políticos da região do alto sertão do Parnaíba. Nas proximidades da Vila de Mirador juntaram-se à Coluna tropas irregulares, uma comandada pelo fazendeiro Manuel Bernardino, com cerca de 200 homens e outra sob o comando de Euclides Neiva com pouco mais de 50 homens. Ao entrar no Maranhão, a Coluna contava com um efetivo de 900 homens aproximadamente. Tal descrição ajuda-nos a relativizar a visão oficial a respeito da marcha da Coluna Prestes, cujos membros são normalmente apresentados como “desordeiros”, “contraventores”, “saqueadores”, “desertores”, enfim, um bando de “revoltosos” que em sua caminhada espalhavam um rastro de medo e terror pelas localidades por onde passavam. Por outro lado, é importante não desconsiderar que se trata de um depoimento permeado por um olhar de quem vivenciou/participou ativamente dessa frente de combate às políticas dos governos constituídos. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que o mesmo é perpassado por uma carga simbólica e “ideológica” que procura minimizar a negatividade das imagens da passagem da Coluna Prestes pelo Maranhão.

Seja como for, não estamos afirmando que não ocorreram manifestações de apoio ou mesmo as supracitadas receptividades que expressavam um grande sentimento de “comovedoras cenas de carinhos” das populações para com os componentes da Coluna. Do mesmo modo, não se pode negar que a presença desses homens nas cidades, também, despertou nas populações locais sentimentos de medo, de insegurança, de assombro. O certo é que este espaço tornou-se propício para que os boatos da chegada dos “revoltosos” nas cidades se espraiassem feito rastilho de pólvora, o que, por muitas vezes, provocava a fuga da população: principalmente dos grandes proprietários de terras, de políticos, mas, também, das pessoas mais pobres. É necessário frisar, no entanto, que neste microuniverso dos sertões maranhenses a violência era exercida e vista como algo naturalizado, cujos grandes proprietários de terras (os coronéis) estabeleciam e ditavam as leis locais, subjugando às suas ordens um grande contingente da população mais pobre. Sob tal perspectiva, essa população, resignada e subjugada aos desmandos dos coronéis locais, via na presença dos “revoltosos” uma forma de suspensão temporária da coerção, ainda que por um curto espaço de tempo. Era a oportunidade que tinham de verem seus “algozes”, mesmo que momentaneamente, serem desprovidos do seu poder, de sentirem-se amedrontados, ameaçados. Assim sendo, é bem provável que tais manifestações de carinhos, narrados pelo Capitão Lourenço, tenham ocorrido, principalmente as que advinham das pessoas mais pobres que, nesse universo e contexto, se viam aliviadas sem os mandos e desmandos dos coronéis.

⁶ LIMA, Lourenço Moreira *Apud* Moreira Neiva. *O pilão da madrugada*. Um depoimento a José Louzeiro. Rio de Janeiro: Terceiro Mundo, 1989. p. 22.

Com raízes fincadas no Tenentismo, movimento que provocou profundas rachaduras na hierarquia e na disciplina que vicejavam no seio das forças armadas brasileira, a marcha da Coluna Prestes tinha o caráter de um movimento político-militar ocorrido entre os anos de 1925-1927. O movimento tenentista foi motivado pelas insatisfações com as condições do Exército brasileiro e com as políticas do governo, expressando a crise das estruturas políticas da velha república e seus tradicionais métodos de manipulação do poder. Teriam sido esses os principais fatores para eclosão dos levantes militares. Dentre os movimentos de contestação militar que pipocaram neste período, poder-se-ia destacar: “os 18 do forte”, “os levantes de 1924” e a “Coluna Prestes”. A coluna constituía-se de quatro destacamentos, cujos comandantes foram: Cordeiro de Farias, João Alberto, Siqueira Campos e Djalma Dutra. A grande marcha que atravessou o país iniciou-se no Rio Grande do Sul, sob o comando de Luís Carlos Prestes. Percorrendo cerca de 25 mil quilômetros de Sul a Norte, os chamados “cavaleiros da esperança” lutavam por reformas políticas e sociais, combatendo as medidas tomadas pelo então Presidente Arthur Bernardes (1922-1926). Autodenominando-se revolucionários, os integrantes da coluna lutavam pelo fim de uma ordem opressora visando promover o bem-estar das populações menos favorecidas, mas, também, seus objetivos consistiam na retomada das lutas anteriores mediante o grande ideal de salvar a pátria. Após partirem do Rio Grande do Sul e percorrerem vários estados, a Coluna Prestes chega ao Maranhão, por volta do mês de novembro de 1925. O primeiro grupo a chegar ao território maranhense foi o destacamento comandado por Siqueira Campos, no qual também se encontrava Juarez Távora, e que ocupou a Vila de Passagem Franca, às margens do Rio Parnaíba. Esse destacamento fora incumbido de realizar a missão de interromper o sistema de comunicação entre os municípios de Nova Iorque e Barão do Grajaú com a capital do Piauí (Teresina), onde se concentrava a base do quartel do exército das forças “legalistas”.



Mapa do roteiro da Coluna Prestes no Maranhão e Piauí.

Sendo assim, foi sob o comando do Coronel Djalma Dutra que o pelotão de cavalaria da Coluna adentrou na cidade de Nova Iorque, com o objetivo de impedir que reforços das tropas “legalistas” chegassem às cidades de Urucuí (PI) e Benedito Leite (MA), onde se encontravam sitiadas as tropas do governo. Após travar intensa batalha a Coluna, os governistas bateram em retiradas desordenadas pelo rio Parnaíba. Em seu livro de memória, Neiva Moreira conta o desfecho dessa batalha mediante as narrativas ouvidas dos antigos moradores de Nova Iorque. E, também, expressa fragmentos de memória de sua infância, de quando a “garotada” em suas brincadeiras simulava o cenário de uma “guerrilha”, tendo por inspiração os acontecimentos suscitados pela passagem da Coluna na região do alto sertão:

O Parnaíba teve muito a ver com a Coluna Prestes. Creio que uma das maiores operações desse movimento foi no Uruçuí, na margem piauiense do Parnaíba, um pouco acima de Nova Iorque. O rio ficou agitadíssimo. Os barcos – o Antonio Freire, o Parnaíba, o Santa Cruz e outros velhos “gaiolas” – subiam, incessantemente, puxando barcas cheias de soldados e armamentos... O comando da expedição, com mais de 5 mil soldados, estava a cargo de um oficial piauiense...: o Coronel Jacob Gaioso e Almendra... Os mais velhos da região contavam que houve mais tiro que pipoca em panela quente. Gaioso fugiu com sua tropa, descendo o rio em tudo quanto era barco disponível... Depois dessa vitória, a fama da Coluna cresceu. Os revolucionários viraram mito e passaram a alimentar a temática do cotidiano e o cancionero popular. Com a derrota do exército, Prestes desceu o rio no encalço dos “legalistas” e ocupou Floriano e Barão de Grajaú... Para garotada da região, tudo isso era novidade. Era terrível! Vivíamos, permanentemente, organizando “guerrilhas”, à moda da Coluna. Tenho muitas recordações dessa época. E também muitas saudades.⁷

Nota-se, através do depoimento de Neiva Moreira, que para além do medo, da morte, da fuga, da insegurança, dos conflitos, a passagem da Coluna Prestes pelos sertões maranhenses é revestida pelos ares idílicos que serviam como inspiração, provocando na imaginação das crianças as imagens do heroísmo, da novidade que permanentemente era desdobrada e simulada por intermédio de brincadeiras juvenis em que se buscava representar os cenários dos perigos e aventuras que remontam o espaço desses enredos do passado. Mais do que isso: com a vitória sobre as tropas governistas, as imagens dos “revoltosos” ganharam força perante a opinião pública, servindo de fonte inspiradora para as histórias contadas através de “cancioneiro popular”, tão presente na região. Trata-se de lembranças que atualizam os aspectos de uma época, de um tempo que passou, mas que, ainda hoje, faz com que cada morador se aproprie desses fragmentos/acontecimentos como uma prática cotidiana de definição da memória que se expressa por intermédio das mais diversificadas formas narrativas. As pessoas que vivenciaram ou ouviram contar esses episódios de perigos surgem para (re)atualizá-los com os fios narrativos que desenham as tramas dessa urdidura do passado. Neiva Moreira não só destaca a passagem dos “revoltosos” colada à sua vivência, como a encaminha para o campo da experiência permeada pelas marcas da saudade: “tenho muitas recordações dessa época. E também muitas saudades”.

Pois bem! Por intermédio dessas narrativas, pode-se desvendar um universo de temporalidades múltiplas, mescladas por cenas do passado e do presente, que permeiam a história da cidade. A trama dos acontecimentos e suas lembranças revelam-se prenhes de significados simbólicos, de tal forma que nos permite interpretar as mais diversas perspectivas e visões de mundo expostas pelos narradores. À medida que vamos analisando os quadros das lembranças, vem à tona a seletividade dos eventos que são elencados para representarem à formação de uma memória em que estão expostas as narrativas históricas desse universo local, em um esforço voltado para simbolizar os traços iniciais da cidade, transmitidos de uma geração à outra. Ou seja, na reconstrução de suas memórias, são as saudades que vem à tona no presente. No que diz respeito a essa concepção da saudade do passado e que invade o presente, diz Roberto Da Matta:

Sendo, pois, a saudade categoria social, começamos a perceber que ela é a expressão de uma concepção específica de tempo. Entretanto, mais do que ser uma forma de estabelecer sulcos externos ou descontínuos que nos envolvem, como fazem os ponteiros do relógio ou as folhas de um calendário, a saudade fala por dentro. Da temporalidade como experiência vivida e reversível que cristaliza uma dada qualidade. Assim, pela saudade, podemos invocar e dialogar com pedaços do tempo, e fazendo trazer os tempos especiais e desejados de volta.⁸

Ao analisar a saudade como uma “categoria social”, Da Matta a aproxima da categoria da memória, na medida em que a mesma fala de uma concepção de tempo interno e de uma temporalidade vivida e reversível. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que é através da especificidade do tempo da memória e de sua reversibilidade que podemos pinçar os fragmentos do vivido. Todavia, o que marca o contraste entre a saudade e a memória é que a primeira nos possibilita trazer de volta apenas o tempo desejado. Por

⁷ NEIVA Moreira. *O pilão da madrugada*. Um depoimento a José Louzeiro. Rio de Janeiro: Terceiro Mundo, 1989. p. 20-21.

⁸ DA MATTA, Roberto. “*Antropologia da saudade*”. Folha de São Paulo, *Caderno Mais*. São Paulo, 28/6. P. 4-5.

outro lado, pode-se dizer que ocorre um enlaçamento entre lembrança e saudade. Assim sendo, poder-se-ia asseverar que é através das multifaces da memória que emergem as saudades. Ou seja, as saudades que sentem os velhos moradores de Nova Iorque ao lembrarem-se do passado através das lentes do presente. Como diz Durval Muniz de Albuquerque Jr:

A saudade é um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo pedaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si. A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, toda uma classe que perdeu historicamente a sua posição, que viu os símbolos de seu poder esculpidos no espaço serem tragados pelas forças tectônicas da história.⁹

É neste confronto com as forças tectônicas da história que emergem as referências das memórias da cidade quando da passagem dos “revoltosos”. Com o fim da batalha de Uruçuí, Luís Carlos Prestes e seus comandados desceram o rio Parnaíba em perseguição às tropas governistas, para logo depois ocuparem as cidades de Floriano (PI) e Barão do Grajaú (MA). Enquanto isso, o destacamento de cavalaria comandada pelo Coronel Djalma Dutra permaneceu na cidade de Nova Iorque. Naquela ocasião, ao ficarem sabendo dos rumores que os “revoltosos” se aproximavam da cidade, todos os fazendeiros, grandes comerciantes, políticos e demais autoridades trataram de fugir. Conforme as informações dos nossos interlocutores, dos considerados homens ricos ou de posse da velha cidade, permaneceram na mesma apenas os comerciantes e políticos José Lopes Milhomem, José Italiano de Araújo, Mariano da Silva e seus respectivos familiares. Alguns populares, apavorados com as notícias, também procuraram se refugiar no morro do Urubu, tradicional esconderijo que ficava nas proximidades da cidade. Nas lembranças de alguns moradores não contemporâneos a esses acontecimentos, mas que teriam ouvido essas histórias narradas por seus pais, consta que, ao chegarem à cidade, os integrantes da Coluna teriam incendiado os arquivos do 2º cartório, o prédio da Coletoria Estadual, a Prefeitura Municipal. Como parte de suas estratégias de guerrilha também quebraram o aparelho de telégrafo, no intuito de evitar qualquer tipo de comunicação entre as tropas fiéis ao governo.



Aparelho de telégrafo da cidade velha.

Para o Seu Marcondes, no entanto, esse acontecimento teria sido o principal fator responsável pelo desaparecimento dos registros escritos da história de Nova Iorque:

Isso aqui foi o seguinte: Nova Iorque... A história de Nova Iorque desapareceu foi no tempo dos revoltosos que queimaram tudo que tinha, era no cartório. A história de Nova Iorque toda mesma era em cartório e desapareceu. Nova Iorque ficou sem história. Sem história assim, contada em livros essas coisas. Gente que

⁹ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana, São Paulo: Cortez, 2001. p. 65.

tinha, por exemplo, muito dos antigos que morreu, pois o povo mais antigo já morreu quase todo e sabia desde o início a história de Nova Iorque, então ficamos sem história né.¹⁰

Como se vê, na releitura dos episódios evocados pela memória do nosso interlocutor, produz-se as imagens em que se atribuem aos “revoltosos” o desaparecimento da história “escrita” dos períodos iniciais da cidade, já que esta fora consumida pelo fogo ateado por aqueles, incinerando todos os documentos do cartório, portanto, deixando a velha cidade de Nova Iorque “sem história”. Durante nosso trabalho de campo, percebemos que o ressentimento de Seu Marcondes é permeado pelo desejo que este nutriu em escrever a história da cidade. Segundo nosso interlocutor, um dos obstáculos que se apresenta para tal empreitada é justamente a falta de documentos escritos sobre a origem da cidade, pois os mesmos foram queimados pelos “revoltosos”, e na sua interpretação, toda a “história de Nova Iorque era em cartório”. Mais do que isso: pode-se também entrever na fala do nosso depoente os signos da violência com que se procura desenhar a passagem dos homens da Coluna Prestes pela cidade. Como se não bastasse a queima do arquivo do cartório, somam-se a esse conjunto de fatores a morte da maioria dos antigos moradores, tidos como únicas testemunhas oculares dos primeiros tempos da mesma: “então ficamos sem história”, segundo Seu Marcondes. Entretanto, tal visão pode ser relativizada mediante outros aspectos. Se considerarmos os relatos do nosso interlocutor de que a cidade ficou sem história, talvez tão determinante para que se perdessem todos os documentos que atestavam a história da velha Nova Iorque tenha sido a enchente ocorrida no ano de 1926, logo após a passagem da Coluna Prestes. No entanto, a questão vai mais além. Ao longo da pesquisa, constatamos que nem mesmo os documentos dos tempos mais recentes são encontrados. Quiçá, tão influente nesse fator, também, seja a falta de preocupação dos governantes locais em conservar os documentos que versam sobre os tempos de ontem e de hoje. Desse modo, do ponto de vista do nosso interlocutor, a história da cidade só tem validade se comprovada mediante as escrituras dos documentos, mesmo tendo ao seu lado uma testemunha ocular do tempo da passagem dos “revoltosos”; sua mãe. Em se tratando do nosso depoente, leigo nas questões teóricas, isso é plenamente compreensível, porém sua concepção de história coaduna-se com a visão dos mais tradicionalistas historiadores que se apegam aos documentos como única fonte confiável.

Em seu depoimento, Seu Marcondes nos oferece um ponto-chave para o debate de uma problemática tão em voga no ambiente acadêmico, a relação entre história e memória. A nosso ver, embora ambas partam de um ponto em comum de observação do passado, entre história e memória há similitudes e idiossincrasias e, em certos aspectos, seguem por caminhos diferentes e não se confundem. Grosso modo, a memória também é interpretada como o documento escrito, expressando características do social que foi vivido, ao passo que a história traduz para a escrita uma visão dos acontecimentos que é fruto da interpretação do autor. Nesse sentido, pode-se dizer que a memória está interligada à experiência vivenciada, que, por sua vez, está ancorada nos grupos sociais que passaram por diferentes experiências mantendo aspectos em comum do coletivo, mesmo que sujeitas a modificações ou permanências. A história, por sua vez, estabelece critérios que primam por um distanciamento da análise, sendo sua preocupação constante a produção de uma crítica a ser apresentada. Assim sendo, mesmo percorrendo caminhos opostos, poder-se-á dizer que uma se alimenta da outra, pois nessa relação conflituosa a história encontra subsídios na memória, esta constituindo-se em uma rica fonte de investigação dos fatos, permitindo a interpretação do passado.¹¹ É nesse sentido, portanto, que por intermédio das análises dos diversos fragmentos de memórias, nossa empreitada consiste em realizar uma leitura mediante as interpretações dos moradores, em uma tentativa de apreendermos os significados desses relatos transmitidos ao longo dos anos de pais para filhos, ligando os fios da experiência narrativa aos acontecimentos vividos, pois como afirma Montenegro: “assim podemos descobrir práticas que vão sendo recriadas,

¹⁰ Seu Marcondes, 64 anos. Entrevista concedida em Nova Iorque, em 08/05/2006.

¹¹ Para uma discussão mais detalhada sobre essa questão, ver: Pierre Nora: *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In. Projeto História, n. 10. São Paulo: PUC, 1993. p. 7-24.

reinventadas, nos interstícios de um tempo em que o sonho e a utopia, enquanto projeção de diferentes futuros parecem ter perdido sua força”.¹²

Ao reconstruírem as imagens da cidade, os moradores refazem principalmente os momentos de sobressaltos, das tensões vivenciadas pela população. De acordo com os relatos dos moradores, o pelotão de cavalaria da Coluna Prestes permaneceu na cidade durante uma semana. Neste ínterim, lojas, comércios, farmácias foram “saqueadas”, o gado foi abatido. Roupas, remédios, gêneros alimentícios, carnes foram distribuídos para a população pobre, o que denota não só uma preocupação de promover o bem-estar dos moradores, mas também toda postura ideológica que perpassa os ideais de justiça dos revolucionários. Dona Mariquinha, filha de um dos comerciantes que ficaram na cidade, e que à época tinha dez anos de idade, nos conta as histórias dos dias em que os “revoltosos” permaneceram em Nova Iorque, reordenando imagens de um tempo vivido:

Quando os revoltosos chegaram na cidade de Nova Iorque Velha, os ricos da cidade fugiram, se esconderam tudo no mato. Meu pai não saiu, era um homem de muita coragem. Logo ele tinha uma família grande, eram 14 irmãos. Aí ele ficou. Só saiu o povo rico, os pobres não, ficaram. Então, todo mundo pensava que eles vinham acabando com tudo. Mas eles não deram em ninguém, não surraram ninguém, não mataram ninguém, os revoltosos não. Só uma coisa que eles faziam de ruim: chagavam numa farmácia, meu pai tinha farmácia, dava os remédios tudo pra pobreza. Ninguém podia dizer nada, era muito homem, eram muitos. Todos eles de lenço vermelho amarrado no pescoço e os cavalos grandes, bonitos, tudo a cavalo. Chegavam, e se fosse passando uma vaca gorda na rua, eles atiravam e matava. Tiravam dois quarto pra eles comer e o resto dava pra pobreza. Era só isso que eles fizeram de ruim.¹³

Dessa maneira, Dona Mariquinha procura situar as histórias dos “revoltosos” em consonância à experiência de sua vivência, compondo a atuação dos componentes da Coluna na cidade. De início, o primeiro impacto provocado na imaginação dos moradores foi de que os mesmos vinham destruindo tudo que encontravam pela frente, o que denota que já havia uma imagem formada pelos órgãos oficiais e transmitida para população pelos “ricos” da cidade, que tão logo receberam as notícias da aproximação da “frente revolucionária” trataram de fugir, deixando para trás apenas os “pobres”. No entanto, ao chegarem à cidade, nenhum morador foi submetido a atos de violência por parte dos “revoltosos”, pois esses não “surraram e nem mataram” ninguém. Todavia, para Dona Mariquinha, o único ato de ruindade praticado pelos homens da Coluna consistia em que eles chegavam às farmácias e promoviam a distribuição dos medicamentos para a “pobreza”. Ou, ainda, que atiravam nas “vacas gordas” que iam passando pelas ruas, tiravam o que fosse necessário para alimentar os integrantes da tropa e distribuía o restante da carne para a “pobreza”.

O que certamente consistia em um ato de justiça para os “revoltosos”, ao distribuírem remédios, comidas e roupas, bens pertencentes aos considerados ricos, para a população pobre era visto como incorreto, pois “era só isso que eles fizeram de ruim”. Nesse ponto de vista, pesa no depoimento da nossa interlocutora o fato de que sua própria família fora “vítima” dessa postura ideológica, pois seu pai era proprietário de uma farmácia. Por outro lado, poder-se-ia imaginar que a Coluna Prestes utilizava dessa estratégia de distribuição de alimentos, roupas e remédios como forma de conquistar a simpatia dos moradores, cujo próprio termo “revoltoso” emprestava uma conotação pejorativa ao movimento. Essa atitude, no entanto, foi a maneira encontrada para se reverter as imagens de “desordeiros”, propaladas no imaginário social da época pelos veículos de comunicação dos órgãos oficiais. Assim sendo, poder-se-á, ainda, asseverar que fazendo uso dessa estratégia e de todo aparato ideológico, provavelmente os membros da Coluna Prestes esperavam atrair mais adeptos para sua grande marcha. A esse respeito, Dona Mariquinha nos revela que seu pai teria sido convidado para acompanhar a coluna. Porém, como se tratava de chefe de família, com

¹² MONTENEGRO, Antonio Torres. *Padres e artesãos: narradores itinerantes*. História Oral, nº 4, São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, jun. 2001. p. 53.

¹³ Dona Mariquinha, 94 anos. Entrevista concedida em Nova Iorque, em 05/02/2005.

uma grande quantidade de filhos pequenos para criar, teria recusado tal proposta: “é uma pena, mais eu não posso acompanhar vocês porque tenho uma família grande, 14 filhos, meus filhos quase tudo de menor, eu posso morrer e eles ficarem sozinhos, peçam o que vocês quiserem”.¹⁴

Nessa atmosfera que envolve os acontecimentos provocados pela passagem dos “revoltosos” na cidade de Nova Iorque Velha, as imagens se pulverizam pelas lembranças dos moradores, seja daqueles que vivenciaram, seja os que ouviram as histórias desse momento, abrindo com isso um leque de possibilidades e de interpretações dos acontecimentos. Nas lembranças do Seu Cícero Cerola, que nasceu um ano após a passagem da Coluna pela cidade (1927), as notícias lhe foram transmitidas por seu pai. Segundo ele, o próprio termo “revoltoso” se constituía numa categoria confusa para os moradores, pois “ninguém sabia decifrar”. Na narrativa de Seu Cícero, a intensa movimentação das “tropas revolucionárias” aparece como o principal motivo que dificultava o entendimento dos significados da Coluna, pois “se aqui passava uma turma de revoltosos, pelo Piauí passava outra, por dentro de Pastos Bons passava outra”. Dessa maneira, pode-se pensar que esta divisão por destacamentos percorrendo caminhos diversos consistia como parte de uma estratégia de guerrilha que visava confundir sua localização pelas tropas do exército governista. Na reinterpretação do nosso interlocutor, as imagens dos “revoltosos” se assemelham com as das “formigas de fogo” que “por todo lado que pisava vinha”, portanto, por esse motivo era que se “chamava revoltosos”.

Ao recorrer a essa metáfora, Seu Cícero imprime à narrativa um caráter dramático das experiências vivenciadas pelos moradores da região do alto Parnaíba, diante das incertezas, sensações de insegurança com a presença dos “revoltosos” pelas redondezas, que feito “formigas de fogo”, a qualquer momento, poderiam surgir nas cidades e povoados pelos mais variados caminhos. Na reinterpretação das lembranças herdadas de seu pai, os componentes da Coluna não “mexiam com a pobreza”, pelo contrário, estes, ao chegarem numa fazenda “daqueles que chamava de homem rico”, atiravam a uma rés de gado e “mandava a população pobre apanhar carne para comer”. Na cidade, por sua vez, entravam nas lojas “pegavam as peças de mercadorias” e as jogavam para os moradores. Neste microuniverso, o perigo e a violência encontravam-se por todas as partes, sejam praticadas pelos “revoltosos”, sejam impostas pelas tropas fiéis ao governo. Dessa forma, ao rememorar os fatos acontecidos, nas lembranças do Seu Cícero os atos de violência vieram depois, no “resguardo” da passagem das “forças revolucionárias” pela cidade: “o resguardo foi depois que veio o Sargento Gaioso, tomando coisa e prendendo gente, foi muita gente para cadeia, até apanharam deles”.¹⁵ Como se vê, a violência que era esperada por parte dos “revoltosos” é exercida pelos ditos “legalistas”. Na inversão da ordem, ao chegarem à cidade, a polícia do governo subjogava a população mediante as mais diversas práticas de violência, desde as agressões morais, espancamentos e até a prisão. Desencadeava-se, dessa forma, uma verdadeira caçada no intuito de recuperar os bens que haviam sido distribuídos pelos “revoltosos” à população pobre. Os moradores, em meio a esse fogo cruzado, na lógica dos militares do governo, eram enquadrados como “criminosos”, sobretudo pelo fato de se encontrarem com os pertences dos proprietários dos grandes comércios “saqueados”.

No conjunto dos relatos aqui analisados, observam-se os diferentes aspectos narrativos a respeito desse episódio. Ao contar suas memórias, atravessadas pelos acontecimentos dramáticos, vivenciadas em um contexto que rompe com a visão de um lugar pacato na beira do rio, os moradores apresentam elementos que constroem as diferentes partes da urdidura desse passado. No que diz respeito à fuga dos ricos da cidade, é Dona Jesus Neiva, filha do Coronel Santana, um dos homens mais ricos da região e de maior prestígio político na velha cidade de Nova Iorque, que nos conta como sua família se refugiou no estado do Piauí, assim que ficou sabendo da aproximação dos componentes da Coluna Prestes. À época, com cinco anos de idade, narra Dona Jesus que seu pai era incumbido de prestar todo apoio às tropas

¹⁴ Dona Mariquinha, 94 anos. Entrevista concedida em Nova Iorque, em 05/02/2005.

¹⁵ Seu Cícero Cerola, 84 anos. Entrevista concedida em Nova Iorque, em 10/04/2005. Na verdade, o Sargento Gaioso, citado por nosso interlocutor, trata-se do Coronel Jacob Gaioso e Almendra que entrou em confronto e fora derrotado pelos homens da Coluna no município piauiense de Uruçuí, localizado à margem direita do rio Parnaíba.

enviadas pelo comando do 25º batalhão de Caçadores, com sede em Teresina: “do comando passaram um telegrama para ele, dizendo que qualquer coisa que os soldados precisassem aqui era para papai fornecer”. Entretanto, diante do desespero de sua mãe, que temia pela vida dos filhos e do marido, o Coronel achou mais prudente se refugiar nas terras piauienses, encontrando abrigo em uma fazenda de propriedade de sua irmã e que ficava na Serra do Saco: “não sei como que a história chegou, e mamãe se apavorou e disse: vamos fugir, não podemos ficar aqui”.

Nos relatos tingidos pelas tintas dos episódios, os “revoltosos” são arrolados nas descrições de Dona Jesus para expressar sentimentos atravessados pelo medo e insegurança, amalgamados com a imaginação das aventuras. Ao chegarem à cidade, segundo nossa interlocutora, o primeiro lugar que os “revoltosos” foram foi na casa de sua família, até porque era lá que ficava o aparelho do telégrafo: “você sabe que quando eles chegavam, naquele tempo, o primeiro lugar que iam era no telégrafo”. Encontrando apenas os empregados, incumbidos de protegerem os bens da família, os integrantes da Coluna “invadiram e revistaram” toda a casa. Lá encontraram apenas a farda e a espada de Coronel da Guarda Nacional, pertencente ao seu pai. A farda eles teriam deixado estendida no muro e a espada que tinha o “cabo de prata, eles levaram”. Ainda conforme as informações de Dona Jesus, seu pai havia deixado “umas cabeças de boi separadas”. No entanto, os “revoltosos” só mataram os “novilhos e vacas”. Na interpretação da nossa depoente, eles matavam esses novilhos e vacas e tiravam somente o “filé para fazer churrasco”, e o restante era distribuído para o “povo pobre”. Neste ínterim, durante a fuga de sua família, passaram o tempo todo andando de um lugar para outro. Dormiam num lugar e acordava em outro, “porque eram só as histórias que eles andavam atrás de papai”. Seja como for, o Coronel e a família só regressaram à cidade quando das notícias que os “revoltosos” tinham partido e a situação não apresentava mais nenhum tipo de ameaça: “eu tinha uns cinco aninhos, mas, eu me recordo de tudo, tudo, tudo”.

A história de Dona Jesus Neiva está unida às de muitas outras famílias de ricos proprietários que durante a passagem da Coluna Prestes pelos sertões maranhenses, tiveram que fugir. Do ângulo de observação e interpretação de nossa interlocutora, são apresentadas pequenas variações dos acontecimentos. A começar pelo fato dos “revoltosos” não terem matado nenhum dos bois reservados por seu pai para eles. Segundo Dona Jesus, ao escolherem os animais que seriam mortos se constituiu uma “violação”, pois sugere que abateram os melhores da fazenda. A segunda violação era que tiravam somente a carne nobre, o filé, para promoverem “churrasco”, o que, na visão de nossa interlocutora, adquire uma conotação de farra. E por fim, veladamente fica suscitado em seu depoimento que os “revoltosos” também praticavam o expediente do furto de objetos valiosos, pois teriam eles levado à “espada com o cabo de prata”, deixando para trás as roupas estendidas nos currais: “quando acalmou foi que a gente voltou. Eles tinham pegado as roupas de mamãe todinha, que ficou na fazenda, estenderam nos currais. Eram feixes de lençóis, redes, colchas, tudo, tudo, tudo”.¹⁶

Em outro depoimento, Seu Leão também rememora aspectos da fuga de sua família, recuperando as histórias contadas por seu pai, já que à época era apenas uma criança de cinco anos de idade. Como os outros relatos, Seu Leão descreve os acontecimentos com igual densidade e caracterização das ações dos “revoltosos” na cidade. Suas lembranças coadunam-se com as dos outros moradores na medida em que expressam fatos em comum. A diferença se faz notar na ênfase emprestada a determinados aspectos. Ou seja, que esses “mataram os gado alheios tudo”. Assim narra Seu Leão a fuga da família:

Sobre os revoltosos foi papai que me contou que eu era pequenininho também. Ele me levou para uma fazenda, fugido, distante de Nova Iorque. A gente foi escondido. Eles (os revoltosos), foram lá na cidade, também não mexeram com ninguém não. Agora, lá ficou um senhor chamado José Lopes Milhomem, este cara não saiu da cidade. Diz que eles mataram os gado alheios tudo. Mas aqui eles não fizeram o absurdo de matar ninguém. E aí, no tempo dos revoltosos, acho que tinha uns cinco anos, mas eu me lembro. Lembro que nós fugimos da cidade.¹⁷

¹⁶ Dona Jesus, 90 anos. Entrevista concedida em Nova Iorque, em 15/05/2005.

¹⁷ Seu Benedito Noleto, 81 anos. Entrevista concedida em Nova Iorque, em 15/04/2005.

Na lembrança de Seu Leão, a passagem da coluna pela cidade é fruto das experiências transmitidas pelo seu pai. O fato marcante, para ele, é a lembrança da fuga de sua família: “lembro que nós fugimos da cidade”. Ou seja, neste cenário os relatos da fuga da família servem enquanto matéria-prima da memória, recontada de uma geração à outra, de pais para filhos, pois como diz Benjamim: “os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir...”¹⁸ Dessa forma, percebe-se que todos os relatos de memórias dos nossos depoentes são atribuídos as experiências transmitidas pelos seus pais. Outra particularidade é que todos apontam para uma questão em comum: a de que os “revoltosos” não praticaram nenhum tipo de violência contra a população da velha cidade. O ato de maior violência praticado deu-se não por acaso com o Senhor José Lopes Milhomem. Ou seja, tratava-se do único dos considerados ricos que permaneceu na cidade quando na presença dos “revoltosos”: “esse não correu, mas sofreu demais. Passou a noite todinha, assim os mais velhos diziam, passou a noite todinha passando café para eles, armando e desarmando rede. Eles não judiaram com ele, a judiação foi só essa”.¹⁹ Independentemente das suas variações e interpretações, os episódios da passagem da Coluna Prestes por Nova Iorque estão impregnados no imaginário social da cidade compondo os enredos da mesma. As imagens dos acontecimentos marcados pelo medo, pela insegurança, acabam sendo esmaecidas quando nossos interlocutores comparam esses anos com o tempo presente. As lembranças trazem para a atualidade imagens de uma cidade cuja linguagem busca apreender a realidade exposta pelos familiares. Por outro lado, a força das recordações dos velhos moradores imprime uma resistência à sociedade atual e a uma tecnologia capaz de destruir os quadros sociais da memória.

Dito nesses termos, os moradores expõem suas lembranças sobre as luzes da “cidade nova” que refletem as imagens-memórias da “cidade velha” e criam mecanismos de sobrevivência de um passado perdido das vistas. Passado esse que rompe com o alvorecer das lembranças, que se distancia do sol ardente do presente e se perde na escuridão do futuro. Por intermédio dos relatos de memória dos moradores, o passado é deslocado para o presente em um esforço para tornar suas experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Assim sendo, as imagens-memórias do passado servem enquanto instrumento de reação às ideias de progresso, contra a dissolução de toda uma teia de relações sociais outrora estabelecidas nas malhas de sentidos e significados, esforços de homens e mulheres resignados que se recusam a aceitarem as marcas do presente perpétuo, da pura, simples, legítima, humana e cruel decadência, pois esse passado, conforme Deleuze, “não representa alguma coisa que foi, mas simplesmente alguma coisa que é e coexiste consigo mesmo como presente”.²⁰

¹⁸ BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. – Obras escolhidas, v. 1. p. 205.

¹⁹ Seu Cícero Cerola, 84 anos. Entrevista concedida em Nova Iorque, em 10/04/2005.

²⁰ DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 55.